



FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS DE MANHUAÇU
FACIG

**AS PRAÇAS COMO ESPAÇOS DE CONEXÃO DA CIDADE: UM ESTUDO DAS
PRAÇAS DE MANHUMIRIM-MG**

ELIZANDRA HERINGER BATISTA

MANHUAÇU / MG
2018



ELIZANDRA HERINGER BATISTA

**AS PRAÇAS COMO ESPAÇOS DE CONEXÃO DA CIDADE: UM ESTUDO DAS
PRAÇAS DE MANHUMIRIM-MG**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso Superior de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu, como requisito parcial à obtenção do Título de Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Fernanda Cota Trindade

MANHUAÇU / MG

2018



AS PRAÇAS COMO ESPAÇOS DE CONEXÃO DA CIDADE: UM ESTUDO DAS PRAÇAS DE MANHUMIRIM-MG

Elizandra Heringer Batista

Fernanda Cota Trindade

***Curso: Arquitetura e Urbanismo Período: 9º Área de Pesquisa:
Urbanismo e Paisagismo***

Resumo: Manhumirim recebeu uma série de melhorias a partir de 1924, onde surgiu também a primeira Câmara Municipal sob a presidência do o Dr. Alfredo Soares de Lima que, com visão transformadora, mudou a perspectiva do município onde também se preocupou com a vida dos cidadãos. A partir do segundo semestre de 1924 a cidade se desenvolve a passos largos, sua área urbana apresenta visual de cidade nova e bom padrão de vida, a partir desse progresso são instalados novas residências, comércios e serviço. A praça é um local intrínseco da cidade e refere-se ao espaço público aberto que é destinado a lugar de encontro e lazer da população. O estudo tem como objetivo demonstrar a importância da qualificação das praças de Manhumirim enquanto espaços de conexão da cidade, com foco na utilização saudável destinado ao uso de pessoas. Tem-se como metodologia, além de pesquisa bibliográfica, o processo metodológico que consiste na análise qualitativa realizada por meio de visitas *in loco* utilizando a metodologia proposta por De Angelis (2004). Manhumirim possui doze praças e todas obtiveram desenvolvimento acompanhando o progresso do município. Comprova-se com a metodologia analisada que todas as doze praças da cidade apresentam problemas comuns como: escassez de mobiliário, equipamentos de recreação, iluminação para assegurar a segurança, acessibilidade e arborização adequada. Então é necessário repensar os espaços públicos abertos de lazer da cidade para que a apropriação do espaço seja eficaz e atenda as necessidades dos usuários.

Palavras-chave: Praça. Espaço público. Lugar de encontro. Apropriação do espaço.

1. INTRODUÇÃO

Manhumirim teve sua emancipação político-administrativa em 1924, e está localizada na Microrregião de Manhuaçu-MG. Foi também em 1924 que surgiu a primeira Câmara Municipal com a presidência do Dr. Alfredo Soares de Lima, que se dedicou a transformar o panorama do município para valorizar as condições de vida dos cidadãos e também levar progresso aos distritos. Foi a partir do segundo semestre de 1925, que a cidade consolidou sua área urbana, apresentando visual de cidade nova e com uma paisagem urbana que remete a um bom padrão de vida, tanto devido às obras públicas que estavam sendo realizadas como também obras realizadas pelos moradores, que iam erguendo novas residências e abrindo lojas (BOTELHO, 2011).

O centro da cidade de Manhumirim localizava-se em torno da Praça Central que atualmente recebe o nome de Praça Getúlio Vargas. Atualmente, o centro está situado no entorno da Praça Padre Júlio Maria, que antigamente recebia o nome de Praça da Estação, e foi desenvolvido devido à implantação da linha férrea e da movimentação de pessoas que vinham nela (BOTELHO, 2011).

Pode-se observar que em alguns casos não existe uma preocupação com os espaços públicos de cidades de pequeno a médio porte. Essas cidades carecem de espaços de lazer para a população, afim de que possam proporcionar além do bem estar o incentivo da prática de atividades físicas e de recreação, onde muitas das vezes esses espaços existem, mas a finalidade do seu uso não possui valorização adequada.

A cidade se configura espacialmente de diversas maneiras, mas dentre elas vale ressaltar a praça pública, que é um espaço intrínseco dessa estrutura. Ela é destinada a integração da população e também um lugar de referências históricas. As praças passam por mudanças morfológicas com o decorrer do tempo, que altera suas características físicas, mas mantém suas características no quesito originalidade de que são locais de encontro, onde ocorrem fluxos de pessoas que consequentemente irão compartilhar desse espaço (BOVO; HAHN e RÉ, 2016).

Jacobs (2011) defende que a diversidade de usos nas cidades é crucial na sua vitalidade e resalta sobre a importância das calçadas e do comércio trazendo a segurança no meio urbano.

No âmbito de planejamento urbano, a escala humana é um importante ponto a ser observado, tendo em vista a diversidade de usos dentro da área da cidade, intensificando a ideia do local de encontro que contribui significativamente para um espaço democrático para o desfrute de todos (GEHL, 2013).

O objetivo geral deste estudo é demonstrar a importância da qualificação das praças de Manhumirim enquanto espaços de conexão da cidade, com foco na utilização saudável destinado ao uso de pessoas. Os objetivos específicos compreendem: verificar a valorização dessas áreas a fim de levantar pontos positivos e negativos; estudar o valor das praças e a importância da sua apropriação pela população; identificar as especificidades das praças e adequação do seu uso; analisar a paisagem com ótica nos elementos físicos, sociais e históricos; verificar o uso e a qualidade das vias e calçadas das praças.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Referencial Teórico

2.1.2. A praça como elemento estruturador e de conexão do espaço urbano

A praça é um elemento que está conectado ao meio urbano e é uma das partes que constitui o seu desenho enquanto espaço físico, estando profundamente integrada a princípios de caráter físico, social e estético. Para discutir sobre praças é imprescindível observar o contexto urbano em que elas estão implantadas. O termo praça possui diversos significados e a praça é sempre lembrada como ambiente de convivência e lazer para a população. No decorrer da história, e com o desenvolvimento das urbes, a função da praça foi metamorfoseada, porém sua característica social continuou firme (ROBBA e MACEDO, 2002).

Para Robba e Macedo (2002, p.17), “praças são espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livre de veículos”. Para os autores, a praça e a rua são um dos dois espaços públicos mais relevantes, observando-se a história das cidades, pois sempre cumpriu a função de ser um centro, ponto de convergência das pessoas, ou local para lazer, comércio e convivência, portanto, sempre esteve atuando na vida urbana que existe ao ar livre.

A praça está num contexto onde possui atributo amplo e rico. Partindo disso, pode-se dizer que é ampla, pelo fato de permitir a análise sob diversas óticas, na qual faz presente sua estrutura física e arquitetônica; e é rica, porque há possibilidade de no decorrer das alterações desse espaço de compreender mais sobre a história local e seus costumes (DE ANGELIS 2000 *apud* DE ANGELIS 2001).

Segundo Mumford (2008), atualmente, os costumes de se apropriar do espaço físico das cidades estão modificados, e a grande maioria da função e das estruturas desses fragmentos urbanos devem ser remodelados, com o intuito de esses espaços serem eficazes para servir a população. O autor relata também que é necessária a união da vida externa e interna, possibilitando assim, a convivência.

Observando a história, conforme De Angelis (2001), a praças sempre foram locais onde ocorreram fatos importantes para a humanidade.

Na ágora, Sócrates fora colocado sob processo. No Fórum de Roma nasceu o império homônimo. A praça de São Petersburgo foi o berço da Revolução Comunista na extinta União Soviética. Na *Plaza de Mayo*, Buenos Aires, surgiu e resiste o movimento de mães que buscam seus filhos desaparecidos durante o regime militar. A Praça de Tiananmen (Praça da Paz Celestial) em Pequim é símbolo e testemunha da agonia e morte do que buscavam democracia e liberdade na primavera de 1989 (DE ANGELIS, 2001, p.131).

Marx (1980, p.54) citado por Robba e Macedo (2002, p.22) relata que as praças “[...] serviam ao acesso mais fácil dos membros da comunidade, à saída e ao retorno das procissões, à representação dos autos-da-fé [...]”. Esses tipos de reuniões serviam de palco para expor as ideologias religiosas, na qual pode-se afirmar que as praças sediaram as primeiras manifestações realizadas pela comunidade.

A praça pode ser compreendida não apenas pela sua configuração tocável, mas também pela sua estrutura de mobiliário, vegetação e equipamentos, e é possível distingui lá por quem a usa, que é o homem (DE ANGELIS, 2001).

Com o acontecimento histórico do modelo urbano de produção, ocorrido no decorrer do século XX, pode-se perceber que a migração do homem do campo para a cidade provocou transformações econômicas e sociais nos países que se encontravam em desenvolvimento. Consequentemente provocou a superlotação das metrópoles, desencadeando a centralização da produção, oportunidades e busca de emprego. "o espaço livre urbano tem, nessas cidades de grande porte ou metrópoles, suas funções ratificadas a todo o momento com o crescimento urbano exagerado, e, do ponto de vista da qualidade ambiental urbana, sua existência é fundamental" (ROBBA e MACEDO, 2002, p.44).

Os espaços livres da urbe possuem valiosas qualidades, nas quais Robba e Macedo (2002) destacam: os valores ambientais (melhores condições de ventilação, aumento da heliose nos cheios urbanos, controle de temperatura com paisagismo, drenagem das águas pluviais, preservação do solo contra deslizamentos indesejáveis e valorização de áreas com cursos d'água); valores funcionais (lazer, e recreação) e os valores estéticos e simbólicos (aprazimento dos espaços verdes e referência da paisagem urbana).

Para Jacobs (2011), os parques de bairro demonstram que são mais utilizados do que os parques específicos, pois seu uso é mais simples e universal, e tem ligação com o trabalho e moradia, ou junção de ambos.

A maioria das praças enquadra-se nessa categoria de uso geral como pátio público; o mesmo ocorre com a maioria dos usos do solo projetados; e o mesmo ocorre com boa parte das áreas verdes que se aproveitam de acidentes naturais, como margens de rios ou topos de morros (JACOBS, 2011, p.99).

Para Bartalini (2007, s/p), as praças foram erguidas por necessidade, pois são locais onde acontecem diversos tipos de atividades como, por exemplo: palco de decisões importantes, eventos, referência para o bairro, socialização, ou seja, um espaço disponível que desempenha múltiplas funções ao mesmo tempo.

A praça nasce assim de uma necessidade – a de reunir as pessoas, mas também de uma escolha, que se traduz num princípio de relacionamento entre as pessoas – o igual direito à palavra. Mas esta necessidade e esta escolha poderiam se realizar mediante outra “forma”, ter uma outra gênese formal que não a do vazio de um círculo. Poderia ser na forma de platéia e palco, no qual os oradores se sucederiam e de onde falariam aos demais. Por sinal, a origem etimológica da palavra praça é o vocábulo latino *platea*, ou rua larga (BARTALINI, 2007, s/p).

Com a composição do espaço pode-se notar que a praça sofre mudanças ao longo do tempo, sendo sujeita a transformações no âmbito físico como sua tipologia, formas geométricas, e também alguns usos e funções. Apesar de que mesmo as praças sendo de origem arcaica, as maneiras de utilização e ocupação desse local manteve-se firme, como observadas atualmente (MOTTA, 1970 *apud* DE ANGELIS 2001).

2.1.3. Praça como lugar de encontro

Segundo Alomá (2013), a urbe é cada vez menos utilizada para interação entre seus espaços públicos e, desde suas origens, notou-se que sua finalidade era a convivência entre as pessoas, onde havia a possibilidade de encontro, de poder ver os vizinhos, e de serem utilizados pelas crianças e jovens. Essa realidade está reduzida, devido à falta de segurança que os espaços públicos hoje promovem, e com isso as pessoas sentem o desejo de individualidade. Tendo em vista os novos modos de vida nas cidades, a autora afirma: "os vizinhos não se conhecem, as crianças não brincam na rua e nem suas escolas estão no bairro. A vida é feita a portas fechadas, acabando com a socialização" (ALOMÁ, 2013, s/p).

Atualmente, as praças brasileiras são cada vez menos utilizadas, diante do fato de que outros espaços possam suprir a necessidade de encontro e convívio, e hoje, os *shopping-centers*, centros culturais e comerciais, edifícios polifuncionais, clubes entre outros são concorrentes das praças. A tecnologia (internet, TV a cabo, *home-theater* etc.) são fortes adversários do lazer oferecido pelos espaços públicos, pois trouxe para o interior das casas a facilidade de se comunicar por meio de imagens, encontros e conversas virtuais. Devido a isso, as pessoas preferem substituir os espaços ao ar livre, por uma tela eletrônica (DE ANGELIS, 2001).

Segundo Alomá (2013), as classes sociais de níveis médio e alto se opuseram ao espaço público por sentirem medo, e com isso as pessoas de baixa renda, ou até mesmo sem renda, foram impostas a compartilhar desse espaço com essas classes, que se comparadas, são de melhor renda. Isso ocasiona a agorafobia, que de acordo com Bruna (2018), pode ser associada à ansiedade e ao medo de frequentar locais que desencadeiem ataques de pânico, onde muitos são os fatores que levam a esse mal.

Os espaços públicos servem como locais de manifestação da população e do poder político e também possibilitam a conexão de lugares e pessoas, sejam eles de qualquer tipo. Neles também se fazem presentes os mobiliários urbanos, que podem ser definidos como equipamentos que vão auxiliar no uso desse espaço, sendo eles: bancos, luminárias e postes, lixeiras, bicicletário, ponto de ônibus, placas de sinalização e/ou informações sobre a cidade ou bairro. Praças, parques, ruas, calçadas, etc., são primeiramente notados como elementos de localização imediata na cidade, pontos referenciais, e quando esses espaços estão em mau estado de preservação não possuem iluminação adequada e seus usos estão extraviados, as pessoas tendem a repugná-lo, ou seja, se torna um local ocioso ganhando o caráter de rejeição (ALOMÁ, 2013).

De acordo com Gehl (2013), as cidades, independente do local em que estão inseridas, características econômicas, ou cultura, possui uma semelhança em comum, é que as pessoas que realmente fazem uso dos espaços públicos, na maioria das vezes, não estão sendo priorizadas. O "espaço limitado, obstáculos, ruído, poluição, risco de acidentes e condições geralmente vergonhosas são comuns para os habitantes, na maioria das cidades do mundo" (GEHL, 2013, p.3). Sob essas condições, as oportunidades para o pedestre poder usufruir das funções socioculturais e se movimentar no espaço urbano, estão sendo reduzidas.

Pode-se dizer que foi a partir do século XXI que apontou o interesse de se preocupar com as cidades e a escala humana. As cidades que possuem espaços dinâmicos, saudáveis e seguros se tornam desejadas por todos. Para ser célebre, uma cidade deve possuir local onde as pessoas se sintam convidadas a

permanecer, sendo seguras, para que possam ter mobilidade tanto para caminhadas ou para o ciclismo (GEHL, 2013).

De acordo com o autor citado anteriormente, se é oferecido um local público com boa qualidade, o uso desse local pela população irá aumentar. A qualidade do espaço pode interferir no uso das pessoas nesses espaços, pois são cativadas por locais onde há vitalidade, sendo necessário pensar na proporção humana. Se observar a rotina das cidades onde os espaços públicos ofereceram boas possibilidades de caminhada, pode-se compreender que houve progresso das pessoas nessa atividade. O ato de caminhar permite experimentar o que o nível da rua pode disponibilizar, aproveitando e conhecendo as peculiaridades do local, apreciando os detalhes e informações oferecidas, e com isso a caminhada se torna menos exaustiva. Entretanto, se os locais de caminhada não são interessantes, o ato de caminhar se torna cansativo e sem ganho de experiência.

Jacobs (2011) afirma que para um local ser benéfico, as pessoas ao circularem neles têm que se sentir seguras, em meio ao público urbano, por exemplo, uma via com tráfego constante de pessoas, pode proporcionar segurança. Para que as vias urbanas possam assegurar a frequência dos indivíduos faz se indispensáveis três critérios: segregação entre áreas públicas e privadas; que os edifícios possam interagir com as ruas; e a presença incessante das pessoas, havendo contato direto das pessoas localizadas dentro dos edifícios com as ruas movimentadas.

As atividades sociais que necessitam do espaço urbano, segundo Gehl (2013), demandam da presença de outras pessoas para que haja comunicação entre elas. Se nesse espaço urbano existe vida e movimento, também vai existir um diálogo ativo, mas se esses espaços forem vazios, isolados e descuidados, essas trocas sociais vão deixar de existir. Essas atividades estão relacionadas com os sentidos humanos, de ver, ouvir e sentir. A simples maneira de observar as pessoas e analisar o que está acontecendo são uma forma de contato, uma das mais simples que acontecem.

Percebe-se que há muito tempo o espaço urbano funcionou bem como local de encontro, pois as pessoas trocavam informações, discorriam sobre seu cotidiano, realizavam acordos, conseguia um parceiro de relacionamento, os artistas de ruas realizavam suas atividades e acontecia a venda e troca de produtos (GEHL, 2013).

2.1.4. A praça como elemento catalisador de intervenções urbanas

Para que as áreas públicas das cidades possam existir e funcionar adequadamente é muito importante que haja manutenção, e na maioria das vezes, o decréscimo de pessoas utilizando dessas áreas está associado a isso. É notável que locais onde não há presença constante de pessoas os investimentos públicos não são atraídos. A manutenção das áreas públicas é fundamental, pois quando seus fatores físicos como mobiliário, vegetação, iluminação, etc., estão preservados eles vão auxiliar no bom funcionamento das funções sociais, estéticas e ambientais do local. Sendo assim, é visível de que o espaço público cumpre papel de vida urbana (ROBBA e MACEDO, 2002).

Alguns exemplos de reformas em centros históricos como o centro de Recife e Salvador, Praça do Ferreira em Fortaleza e também o Projeto do Rio Cidade, acreditam que esse tipo de intervenção no espaço público é de suma importância para enriquecer a dinâmica socioespacial da cidade. Certas reformas em praças são

feitas sem necessidade, na qual os momentos que procedem as eleições políticas servem apenas para lembrança de que a administração da cidade realizou algo para a população. "As reformas, comuns em áreas já consolidadas da cidade, em geral visam revitalizar e readequar áreas para uma nova apropriação." (ROBBA e MACEDO, 2002, P.46).

Os espaços públicos se tornam assim lugares de especial importância no cenário da recuperação urbana como elementos dinamizadores, pois quando são renovados eram automaticamente "externalidades positivas", isto é, sinergias que atraem pessoas, recursos, inversão. Sua reconquista supõe enfrentar uma vasta gama de conflitos, cuja solução constitui um dos principais desafios para o desenvolvimento integral. [...] (ALOMÁ, 2018, s/p).

De acordo com De Angelis (2001), não somente as praças, mas também outros espaços de uso público se tornam triviais e levados somente à lembrança quando se tornam locais com funções que não os competem. O que acontece é que as praças muitas vezes são espaços de serventia para estacionamento, mendigos, e até mesmo pessoas de má índole. As calçadas são ocupadas por camelôs e comerciantes ambulantes de pequeno porte, impossibilitando as pessoas de caminhar livremente e com segurança. Já os parques, alguns abandonados, outros descuidados e esquecidos, se tornam objeto de fácil vegetação natural, que às vezes dá a impressão de desuso e desmazelo.

Conforme Costa (2010), como fruto do desenvolvimento urbano muitas cidades do mundo estão passando por várias transformações. O progresso urbano acontece de forma viva, e a busca por uma demanda de espaços de habitação, indústrias, áreas de lazer, construção de estruturas para o transporte, concessionárias, entre outros, estão afetando a forma espacial das cidades. Nesse contexto, não está acontecendo uma preocupação com as áreas verdes, e essa demanda por serviços da cidade, acaba interferindo na paisagem na qual os espaços verdes se tornam pequenas áreas em meio à expansão acelerada das cidades.

Prosseguindo com autor supracitado, existem alguns programas de desenvolvimento que estão à procura de qualidade para a vida urbana, ou seja, melhores condições de sustentabilidade. A estabilidade natural em meio a espaços artificiais é que torna as cidades com melhor qualidade de vida. Existe na maior parte das cidades mecanismos para se planejar o espaço urbano, que atuam nos elementos físicos e sua qualidade, sendo um deles o Plano Diretor. Os espaços verdes são aceitos pela fértil contribuição com o meio ambiente e para a saúde urbana e suas funções só beneficiam os habitantes citadinos.

O lazer disponibilizado pelas áreas verdes da cidade cumpre um papel de equilibrar o uso da tecnologia rápida e esses espaços contribuem para aliviar o estresse causado pelo caos urbano. Essas áreas funcionam como um refúgio do ambiente urbano, e devem possuir boa qualidade, pois dependem disso para serem locais de atração da população (COSTA, 2010).

Tendo em vista o observado pelos autores, entende-se que as praças são alvo de revitalizações, pelo fato de contribuírem para a qualidade de vida da população e vitalidade das cidades. Esses espaços não devem ser tratados de qualquer maneira devendo ter manutenção adequada, dependendo de vários fatores como interesse político, para que os espaços públicos sejam projetados para a utilização da população a fim de resultar em locais saudáveis.

2.2. Metodologia

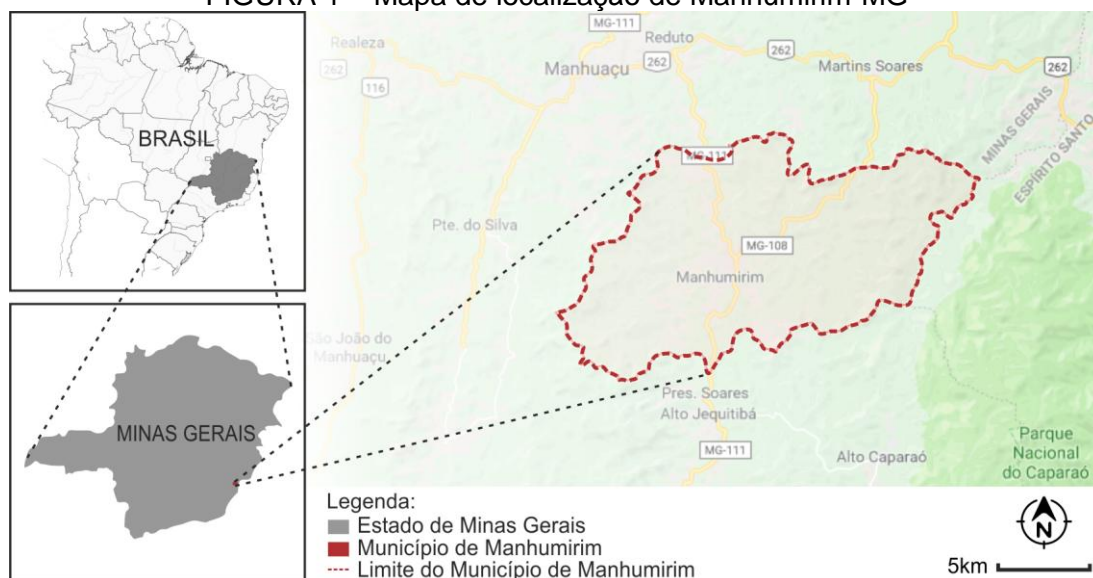
A pesquisa se caracteriza como exploratória, descritiva e explicativa. Além de pesquisas bibliográficas em livros, artigos, dissertações e teses com temáticas relacionadas a praças, o processo metodológico consiste na análise qualitativa realizada por meio de visitas *in loco* utilizando a metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil, proposta por De Angelis (2004), Doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo/USP, e Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (PLATAFORMA LATTES, 2018). Baseia-se na identificação da morfologia das praças, onde incluem dados a respeito dos equipamentos e estruturas existentes nos locais e os aspectos vegetativos, a saber, do estado de manutenção em que se encontram. Os itens propostos pela metodologia são: estudo do mobiliário, estruturas e similares; levantamento predominante da vegetação; inserção da praça na trama urbana; tipologia; estudo da toponímia e enquete de opinião. Visto que, a perspectiva deste estudo é identificar apenas a estrutura das praças, dois itens apontados pela metodologia foram descartados, sendo eles: estudo da toponímia e um questionário de opinião dos usuários.

2.3. Dados e discussão

2.3.1. Contextualização da cidade de Manhumirim-MG e a relação com suas praças

O município de Manhumirim se situa na Zona da Mata mineira, como mostra a figura 1, e também faz divisa com o Estado do Espírito Santo. A maior parte territorial é cercada por um relevo montanhoso e a economia local é baseada na produção cafeeira e comércio (MANHUMIRIM, 2017).

FIGURA 1 – Mapa de localização de Manhumirim-MG



Fonte: Google Maps, 2018 (adaptado pela autora).

Segundo a ACIAMA (2018), antes do Município de Manhumirim possuir essa nomenclatura, era conhecido por Distrito de Pirapetinga, que quer dizer na língua de origem indígena Tupi "salto do peixe branco". Teve sua criação no ano de 1864, e

um de seus fundadores foi Manoel Francisco de Paula Cunha. O Município teve sua emancipação político-administrativa em 16 de março de 1924, onde já possuía seu nome atual, Manhumirim, que na língua indígena tupi-guarani significa "rio pequeno". A área urbana da cidade se desenvolveu no entorno de três rios: Rio Jequitibá, Rio Pirapetinga e Rio do Ouro. Outros fatores significantes para o crescimento da cidade foram a criação da Estrada D. João VI, que foi aberta no início do século XIX e o trecho da linha férrea em 1914 que ligava Leopoldina até Manhauçu (MANHUMIRIM, 2017).

De acordo com Botelho (2011), a praça primogênita foi a praça Central, que hoje chama-se praça Getúlio Vargas, e em seu redor está a Câmara Municipal, Igreja Matriz, a Rádio local e o Seminário Apostólico. Com a implantação da linha férrea de Leopoldina-MG, a praça central passou a ser a Praça da Estação que hoje é chamada de Praça Pe. Júlio Maria, e continua denominada como a principal praça do município até os dias atuais.

Todas as praças se desenvolveram acompanhando o progresso da cidade, e no geral, as que possuem mobiliários e/ou equipamentos urbanos, são utilizadas pela população. Essas áreas públicas surgiram cumprindo sua função, a de encontro, pois todas as praças situam-se em pontos próximos de edificações institucionais, religiosas, ou comerciais, onde a população faz uso, mesmo não possuindo a infraestrutura adequada.

O tempo foi fator decisivo e impactante na morfologia urbana da cidade de Manhumirim, e com o espaço físico das praças não foi diferente, pois ao longo dos anos a vegetação e o mobiliário foram os que mais sofreram alterações devido a mudança da administração pública, das condições climáticas, e também de desfrute inadequado dos usuários, além da falta de manutenção.

2.3.2. Levantamento e análise das praças

A cidade de Manhumirim possui doze áreas públicas denominadas como praça, sendo elas: Praça dos Trabalhadores, Praça Benedito Valadares, Praça Dom Antonio Felipe da Cunha, Praça Nicolau Bracks, Praça Hélio Pires, Praça Marisa Fully Coelho, Praça Getúlio Vargas, Praça Padre Júlio Maria, Praça Dona Zica Chaves, Praça Alair Dias, Praça da Bíblia, Praça Marcelo Irineu. A partir da figura 2, é possível identificar a localização de todas as praças relatadas.

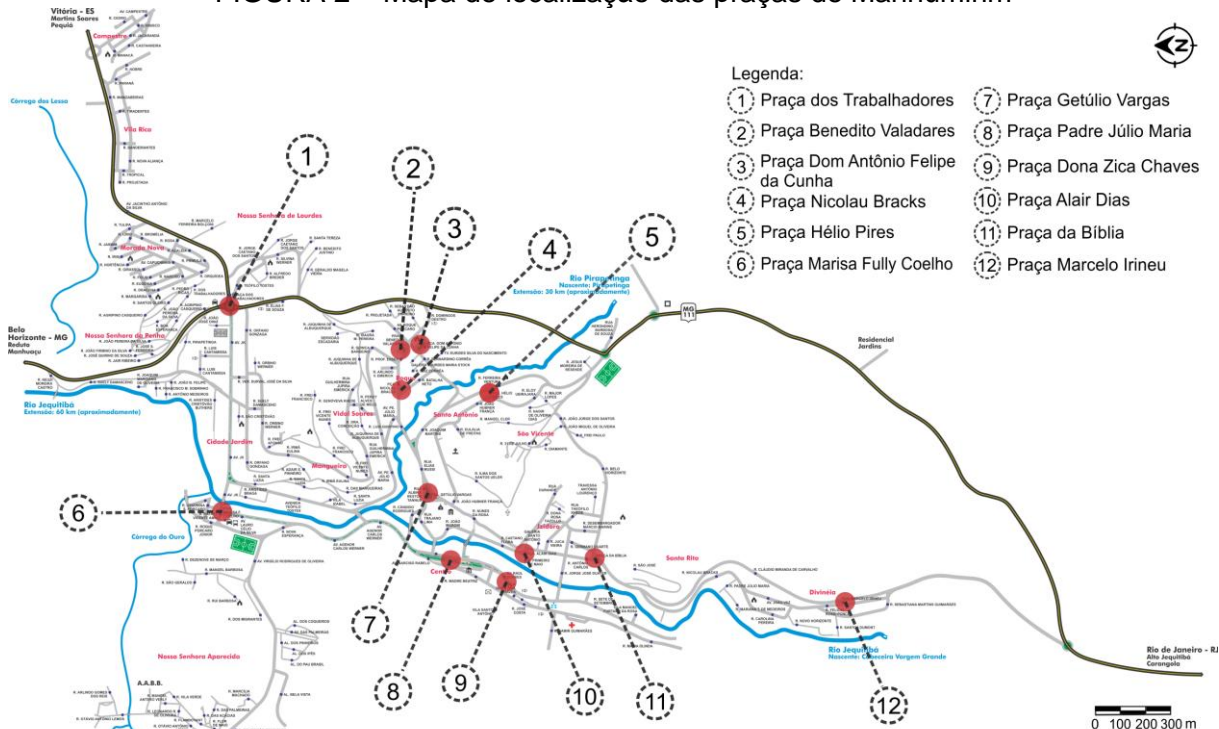
Ainda pode-se observar na figura 2 que de um modo geral as praças estão alocadas em áreas dispersas na cidade, mais presentes nas extremidades, e pode-se afirmar que a implantação de algumas das praças se deu em locais estratégicos, como a praça Padre Júlio Maria e as demais praças mais centrais, que possuem no entorno a presença de usos institucionais e de comércio e serviços.

Essas doze praças foram estudadas baseando-se no levantamento *in loco*, e na análise qualitativa por meio de fichas e figuras da metodologia proposta por De Angelis (2004), (ANEXO 1). Sobre a avaliação qualitativa das estruturas avaliadas contidas na Ficha 1 do ANEXO 1, a nota foi baseada em uma escala que varia entre 0 a 4 sendo que: de 0 a 0,5 - péssimo; 0,5 a 1,5 - ruim; 1,5 a 2,5 - regular; 2,5 a 3,5 - bom; 3,5 a 4,0 - ótimo.

Observando o critério no que diz sobre como a praça está inserida na malha urbana, (ANEXO 1– Figura 1 a 5), para o autor, as vias públicas ao redor das praças definem sua forma geométrica.

Em relação à tipologia das praças, De Angelis (2004), considera a tipologia baseando-se em características brasileiras, sendo elas: praça de igreja, de descanso e/ou recreação, de circulação, monumental e de significação visual.

FIGURA 2 – Mapa de localização das praças de Manhumirim



Fonte: Prefeitura Municipal de Manhumirim, s/d (informações da autora).

1-Praça dos Trabalhadores

Localizada no bairro Cidade Jardim e também em uma das chegadas/saídas da cidade, é conhecida popularmente como "trevo". Apesar de o local ser considerado como praça para a administração pública, sua estrutura física se configura como uma rotatória de veículos (FIGURA 3).

A praça contém duas esculturas feitas no ano de 2016 por um artista plástico local para homenagear o trabalhador que realiza a colheita do café, não apresentando nenhum mobiliário urbano que dê suporte para a utilização da população. As vias do entorno são de pavimentação asfáltica.

FIGURA 3 – Vista frontal da Praça dos Trabalhadores



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Observando todos os aspectos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa com base na Ficha 2 do Anexo 1, a nota obtida foi 0,5 sendo considerada ruim.

De acordo com o levantamento realizado *in loco*, a vegetação predominante é de arbustos e forração, que se tratando se um trevo, não é indicado o uso de vegetação de médio a grande porte para não influenciar o ângulo de visão dos motoristas.

Segundo a classificação prevista por De Angelis (2004), pode-se afirmar que a inserção da praça na malha urbana possui forma circular, conformada por uma via, onde possui quatro vias que convergem para a via principal de informação da praça, como se observa na figura 4.

FIGURA 4 – Implantação esquemática da Praça dos Trabalhadores



Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia da praça segundo a metodologia adotada se enquadra na categoria de circulação, pois é um local de passagem obrigatória principalmente pelos carros que circulam pela cidade; se enquadra também na categoria de significação visual, pois é lembrada principalmente pelos monumentos encontrados nela.

2-Praça Benedito Valadares

A Praça Benedito Valadares está situada no bairro Roque em frente à Escola Municipal Alfredo Breder, e à Praça Dom Antônio Felipe Cunha. No seu entorno o uso que prevalece é o residencial, apresentando como mobiliário quatro bancos de estrutura de madeira e ferro e somente um de ferro que está acoplado juntamente com o pergolado.

A iluminação existente é advinda dos postes das vias, não apresentando iluminação específica. Na maioria das vezes, a praça fica vazia pela pouca variedade de atividades que oferece (descanso, lazer, contemplação), e pela baixa atratividade do seu mobiliário urbano (FIGURA 5 a). O entorno da praça é usado para estacionamento, e a pavimentação das vias é de bloquete (FIGURA 5 b).

Com base nas observações realizadas na praça, apresenta como vegetação predominante alguns arbustos *Agave attenuata* e forração com grama.

FIGURA 5– Praça Benedito Valadares



(a)



(b)

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Verificando todas as condições da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 1,5 sendo considerada regular.

Pode-se afirmar que a inserção da praça na malha urbana é conformada por três vias, e na parte superior da praça se encontram as edificações de uso residencial (FIGURA 6).

FIGURA 6 – Implantação esquemática da Praça Benedito Valadares



Legenda:

--- Limite da Praça Benedito Valadares
 Vias de conformação da praça
 Via de fluxos próximo a praça

1 Edificações de uso residencial
 2 Escola Municipal Alfredo Breder
 Vegetação de arbustos e grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia da praça é da categoria de circulação, pois seu mobiliário não incentiva a permanência de pessoas, além de ser situada em frente a uma escola, o que a torna local de passagem de pessoas, principalmente nos horários de pico.

3-Praça Dom Antônio Felipe Cunha

A Praça Dom Antônio Felipe Cunha também está localizada no bairro Roque, a mesma é subdividida em duas partes, uma maior em frente à Escola Estadual Prof. José Venâncio Ferreira, e uma menor em frente à igreja católica São Roque, sendo que as duas partes são separadas por uma via (FIGURA 8).

Apresenta como mobiliário urbano dez bancos em estrutura de concreto, três lixeiras, cinco postes com iluminação alta, quatro aparelhos para prática de exercícios físicos e um marco em homenagem aos 100 anos do Jubileu do Bom Jesus, que é uma celebração católica local.

A permanência é mais intensa, pelo fato de proporcionar atividades físicas como se pode observar na figura 7 (b) e pelo fluxo de pessoas que frequentam a igreja (FIGURA 7 a) e a escola. Há também na praça uma edificação com uso destinado a academia de saúde e o seu entorno é marcado pelo uso institucional e residencial. A pavimentação de paralelepípedos está presente nas vias que conformam a praça.

FIGURA 7 – Praça Dom Antônio Felipe Cunha



(a)



(b)

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Analisando todos os elementos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 2,5 sendo considerada bom.

Com estudos realizados na praça, pode-se dizer que apresenta como vegetação predominante árvores de todos os portes, alguns arbustos *Agave attenuata* e forração com grama somente nos canteiros.

De acordo com a figura 8, a inserção da praça maior na malha urbana é conformada por quatro vias paralelas, resultando em um formato quadrangular, já a parte menor é conformada por três vias sendo uma delas a via que conecta as duas partes da praça como um todo.

FIGURA 8 – Implantação esquemática da Praça Dom Antônio Felipe Cunha



Legenda:

- Limite das partes da Praça Dom Antônio F. da Cunha
- Vias de conformação da praça
- Via de fluxos próximo a praça
- Via de conexão dos lados da praça
- 1 Igreja São Roque
- 2 Escola Estadual Prof. José V. Ferreira

- 3 Academia da saúde
- 4 Aparelhos para exercícios físicos
- 5 Marco de homenagem
- Escada
- Vegetação de árvores de todos os portes
- Vegetação de arbustos e grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia da praça é da categoria de praça de igreja, pois possui a igreja do bairro; de recreação, que é definida pela presença dos aparelhos de atividades físicas; e de circulação, pois está localizada em frente a Escola Estadual Prof. José Venâncio Ferreira, tornando a praça como local de passagem dos indivíduos, principalmente nos horários de funcionamento da escola mencionada.

4-Praça Nicolau Bracks

A Praça Nicolau Bracks está localizada também no bairro Roque, e está em frente a uma edificação específica que possuía uso comercial funcionando como bar. Quando havia uso do bar, a praça se destacava como local de encontro e permanência, mas somente pelo fato do bar estar aberto, pois atualmente o bar não se encontra em funcionamento e a praça se tornou ociosa (FIGURA 9 a).

Possui como mobiliário urbano três bancos em estrutura de concreto e seu entorno é marcado pela predominância do uso residencial, a pavimentação das vias do entorno é de paralelepípedos (FIGURA 9 b).

FIGURA 9 – Praça Nicolau Bracks



Fonte: Acervo da autora, 2018.

A inserção da praça na malha urbana é conformada por três vias, resultando em uma forma triangular. O entorno da praça é utilizado para estacionamentos e é onde se encontram as edificações de uso residencial (FIGURA 10).

FIGURA 10 – Implantação esquemática da Praça Nicolau Bracks



Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

De acordo com o levantamento realizado *in loco* da praça, a vegetação é composta por duas árvores, uma de médio e outra de grande porte e com predominância de arbustos e forração.

Observando todos os aspectos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 1,5 sendo considerada regular.

Com essa análise, percebe-se que Jacobs (2011) estava totalmente correta a dizer que para que os espaços tenham vitalidade é preciso da diversidade, pois em um bairro residencial, o uso comercial que existia proporcionava maior movimentação da praça.

A tipologia da praça é da categoria de circulação, pois o mobiliário presente não incentiva a permanência da população, além de que dependia do funcionamento do bar para ser ocupada e esse fato impulsionou que a praça se tornasse apenas em um local de passagem das pessoas.

5-Praça Hélio Pires

A Praça Hélio Pires está inserida em uma das esquinas do bairro Santo Antônio e pode-se afirmar que é uma das menores praças da cidade. A praça possui um pequeno altar com a imagem do Santo Antônio de origem catolicista.

Percebe-se que não tem nenhum equipamento, mobiliário urbano ou vegetação no interior da praça. A iluminação existente é advinda dos postes das vias, não apresentando iluminação específica, esses fatores acabam tornando o espaço público sem uso (FIGURA 11).

FIGURA 11 – Vista frontal da Praça Hélio Pires



Fonte: Acervo da autora, 2018.

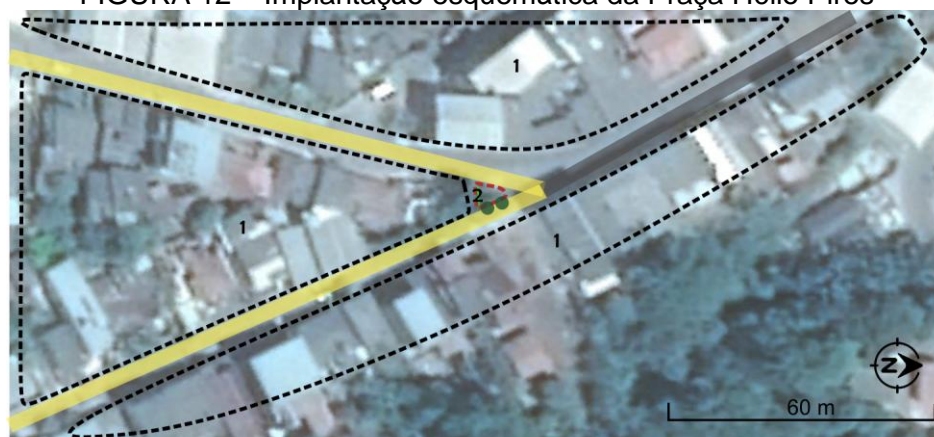
Verificando todas as condições da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 0,5 sendo considerada ruim.

Com base nas observações realizadas na praça, a vegetação existente está em seu interior composta de arbustos e forração, que se localizam no canteiro onde está a escultura do Santo Antônio. No entorno da praça possuem duas árvores que se localizam no meio das calçadas.

A tipologia da praça é da categoria de circulação, pois a ausência de mobiliário não incentiva a permanência das pessoas, além de ser situada em um espaço que aparentemente não houve planejamento adequado.

A inserção da praça na malha urbana é conformada por duas vias, onde a praça se forma do resultado do ângulo da interseção dessas duas vias, sem que estas interrompam a continuidade da praça, e sua parte posterior é ocupada por edificações (FIGURA 12).

FIGURA 12 – Implantação esquemática da Praça Hélio Pires



Legenda:

- Limite da Praça Hélio Pires
- Via de conformação da praça
- Via de fluxos próximo a praça
- 1 Edificações de uso residencial

- 2 Imagem Santo Antônio
- Vegetação das árvores da calçada
- Vegetação de arbustos e forração

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

6-Praça Marisa Fully Coelho

A Praça Marisa Fully Coelho é conhecida popularmente como "praça da rodoviária", pois está próxima da rodoviária da cidade, da Prefeitura Municipal e da Policlínica de saúde. Seu uso é intenso pelos taxistas que possuem um ponto implantado (FIGURA 13 a).

A ausência de mobiliário urbano e equipamentos de recreação na praça tais como: *playgrounds*, aparelhos de atividades físicas e arborização adequada, torna a praça menos frequentada pelas pessoas, pois não possui também nenhum atrativo para que se torne um local de permanência, mas somente de passagem.

Como mobiliário urbano, a praça possui oito bancos em estrutura de madeira e ferro, porém boa parte deles se encontram mal conservados, seis postes de iluminação baixa, nenhuma lixeira e uma fonte de água, que os taxistas utilizam para lavagem de seus carros (FIGURA 13 b).

O entorno é de predominância institucional, as vias públicas são de pavimentação asfáltica e possui estacionamento em uma das extremidades da praça e no seu interior para atender ao ponto de táxi.

FIGURA 13 – Praça Marisa Fully Coelho



(a)



(b)

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Analisando todos os elementos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 2,5 sendo considerada bom.

Com estudos realizados na praça, observa-se que as vegetações predominantes são seis palmeiras *Wodyetia bifurcata*, algumas árvores de pequeno porte e forração com grama somente nos canteiros.

A inserção da praça na malha urbana é conformada por três vias, como observada na figura 14, e na parte superior da praça se encontra a rodoviária.

FIGURA 14 – Implantação esquemática da Praça Marisa Fully Coelho



Legenda:

- Limite da Praça Marisa Fully Coelho
- Via de conformação da praça
- Via de fluxos próximo a praça
- 1 Rodoviária de Manhumirim
- 2 Policlínica de saúde

- 3 Ponto de táxi
- 4 Prefeitura Municipal
- 5 Fonte de água
- Vegetação de palmáceas e árvores de pequeno porte
- Vegetação de grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia da praça foi classificada como descanso, pois possui alguns bancos e pela presença da rodoviária, onde as pessoas têm de esperar pelo horário do ônibus; e de significação visual, pois a praça é marcada por se localizar em frente à Prefeitura Municipal e a Rodoviária do município.

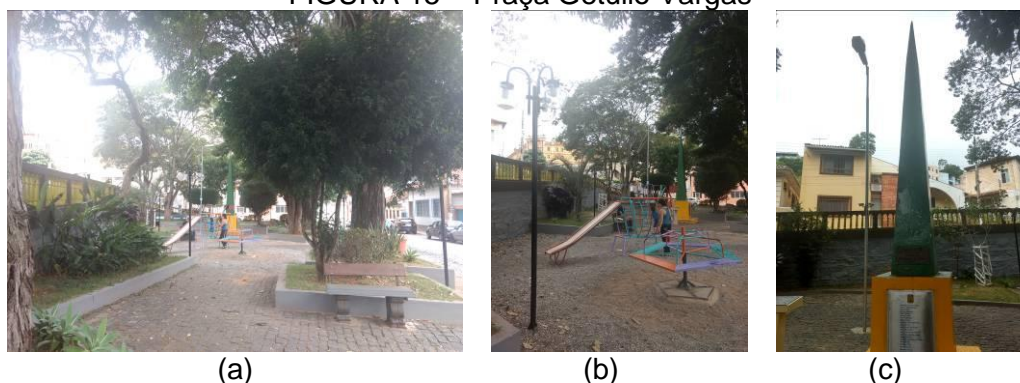
7-Praça Getúlio Vargas

A Praça Getúlio Vargas está inserida próxima a Igreja Matriz, a Rádio, Câmara Municipal e Seminário Apostólico Sacramentino. É a referência do início do município, pois foi a partir dessa praça que a cidade cresceu.

Como mobiliário urbano, a praça possui 10 bancos com estrutura de concreto, madeira e metal, um poste com iluminação alta com câmera de segurança e dez postes com iluminação baixa, um chafariz que não tem seu funcionamento constante, um pequeno *playground* com dois equipamentos e três lixeiras (FIGURA 15 a e b).

Na figura 15 (d) é possível observar que a praça contém elemento histórico como o obelisco em homenagem aos integrantes da F.E.B. (Força Expedicionária Brasileira). Além deste elemento histórico a praça possui também a estátua do ex-presidente da República Getúlio Vargas e uma placa identificando o marco zero do município. No entorno possui estacionamento que está localizado na via pública e a pavimentação tanto da praça quanto das vias são constituídas por paralelepípedos.

FIGURA 15 – Praça Getúlio Vargas



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Observando todos os aspectos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 2,5 sendo considerada bom.

De acordo com o levantamento realizado na praça, percebe-se que as vegetações predominantes são árvores de médio a grande porte, arbustos *Agave attenuata* e forração com grama nos canteiros.

Na figura 16, nota-se que a inserção da praça na malha urbana é conformada pela interceptação de três vias, porém sua forma é quase triangular.

FIGURA 16 – Implantação esquemática da Praça Getúlio Vargas



Legenda:

- Limite da Praça Getúlio Vargas
- Via de conformação da praça
- Via de fluxos próximo a praça
- 1 Câmara Municipal de Manhumirim
- 2 Igreja Matriz
- 3 Seminário Apostólico Sacramentino
- 4 Rádio

- 5 Chafariz
- 6 Estátua Getúlio Vargas
- 7 Obelisco F.E.B.
- 8 Playground
- Vegetação de árvores de médio e grande porte
- Vegetação de arbustos e grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia é da categoria de descanso pela sua localização próxima a Igreja Matriz; de recreação pelas crianças que usam o pequeno *playground* para brincar; e de significação visual por se tratar de uma praça de importância histórica para a cidade.

8-Praça Padre Júlio Maria

Localizada no centro, a Praça Padre Júlio Maria é a praça mais utilizada pela população, por ter uma área mais ampla e maior número de equipamentos.

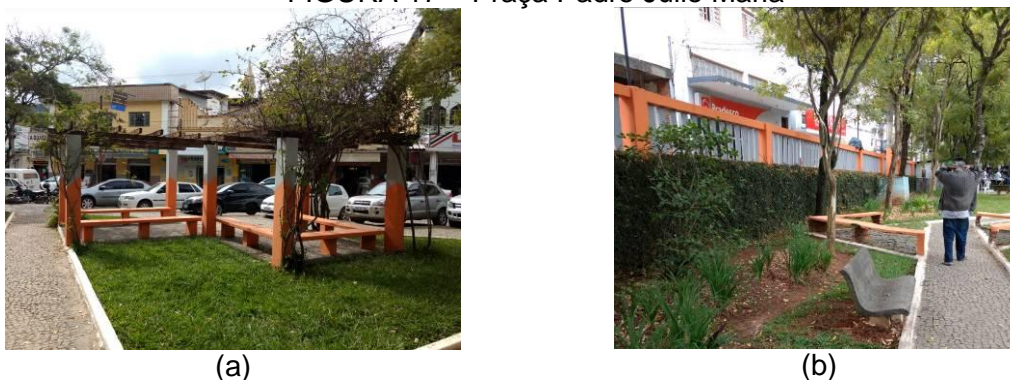
Seu mobiliário é composto por vinte e cinco bancos pequenos em estrutura de concreto, dispersos em toda a praça, onde sua presença é comum em algumas

praças da cidade, onze bancos abaixo dos pergolados, cinco bancos nos canteiros de árvores e dois bancos que contornam os caminhos da praça (FIGURA 17 a e b).

A praça possui dezoito postes de iluminação baixa, postes com iluminação alta para vias públicas, seis equipamentos para exercícios físicos com um bebedouro ao lado, um *playground*, uma estátua do Pe. Júlio Maria, um ponto de táxi, uma unidade destinada a Polícia Militar para manter a segurança da área central, uma banca de revistas, quatro quiosques para alimentação, um coreto, uma área coberta para feiras, dois sanitários públicos, sendo um para uso feminino e outro masculino, e um chafariz que foi desabilitado pela Prefeitura Municipal.

No entorno da praça, a predominância é de comércio e serviços por ser a área central da cidade. Possui cinquenta e quatro vagas para estacionamento no seu entorno, além das vagas localizadas nas vias públicas. A pavimentação da praça é de pedra portuguesa e das vias de paralelepípedo.

FIGURA 17 – Praça Padre Júlio Maria



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Analisando todas as condições da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 3,5 sendo considerada bom. Como observa-se na figura 18, pode-se afirmar que a inserção da praça na malha urbana é conformada por duas vias, visto que a praça é formada pelo encontro de duas vias retilíneas.

FIGURA 18 – Implantação esquemática da Praça Padre Júlio Maria



Legenda:

- Limite da Praça Padre Júlio Maria
- Vía de conformação da praça
- Vía de fluxos próximo a praça
- 1 Playground
- 2 Unidade Polícia Militar
- 3 Ponto de táxi
- 4 Área coberta para feira
- 5 Sanitários Feminino e Masculino
- 6 Quiosque de alimentação
- 7 Estátua Padre Júlio Maria

- 8 Estacionamento da praça
- 9 Coreto
- 10 Bebedouro
- 11 Equipamentos de exercícios físicos
- 12 Banca de revistas
- 13 Comércio e serviços
- H Escada
- Vegetação árvores de todos os portes
- Vegetação de arbustos e grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

Com base nas observações realizadas na praça, as vegetações predominantes são árvores de todos os portes (*Caesalpinia leiostachya*, *Sapindus saponaria*, *Terminalia catappa*, *Caesalpinia peltophoroides*, etc.), arbustos e forração nos canteiros e muro.

A tipologia da praça é da categoria de descanso pela sua localização na área central da cidade; de recreação pelas crianças que usam o *playground* para brincar; e pela presença dos equipamentos de atividades físicas; de circulação pelo alto fluxo de pessoas que passam pela praça em todos os horários do dia; e de significação visual por se tratar de uma praça de importância histórica para a cidade, que antes era a Praça da Estação, onde passava a linha férrea.

9-Praça Dona Zica Chaves

Localizada próxima ao centro da cidade, ao lado da Escola Estadual Alfredo Lima e sentido ao Hospital Padre Júlio Maria, a Praça Dona Zica Chaves é um local bastante frequentado pelos alunos da escola (FIGURA 19 a).

Seu mobiliário urbano contém seis bancos em estrutura de concreto e ferro, e sete postes de iluminação baixa próprios da praça (FIGURA 19 b). O entorno é com predominância residencial, o estacionamento está localizado nas vias públicas e a pavimentação é com paralelepípedos.

FIGURA 19 – Praça Dona Zica Chaves



(a)



(b)

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Observando todos os aspectos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 2,5 sendo considerada regular.

Com os estudos realizados *in loco*, percebe-se que as vegetações predominantes existentes são árvores de médio porte, arbustos e forração com grama.

A Tipologia da praça é da categoria de descanso pela sua localização na área central da cidade e pela movimentação de pessoas nos horários de pico da escola; e de circulação pelo alto fluxo de pessoas que passam pela praça em todos os horários o dia sentido ao hospital.

A inserção da praça na malha urbana é conformada por duas vias, onde a praça se forma resultante do ângulo da interseção das mesmas, sem que estas interrompam a continuidade da praça, e sua parte posterior é ocupada por edificações residenciais (FIGURA 20).

FIGURA 20 – Implantação esquemática da Praça Dona Zica Chaves



Legenda:

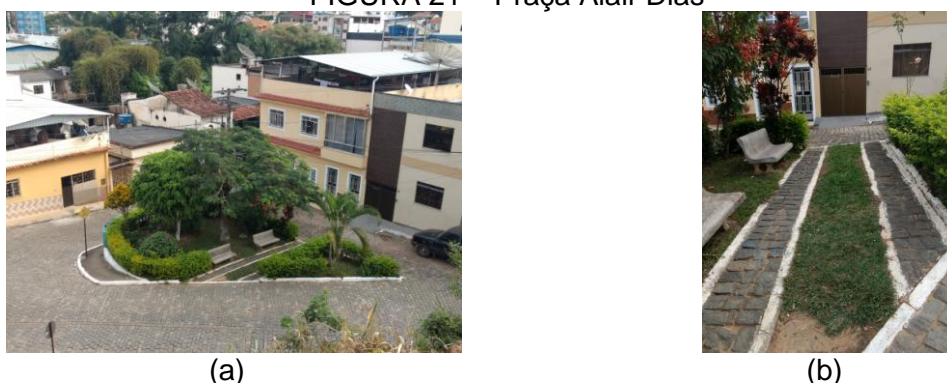
--- Limite da Praça Dona Zica Chaves	2 Edificações de uso residencial
■ Via de conformação da praça	Escada
■ Via de fluxos próximo a praça	■ Vegetação de árvores de médio porte
1 Escola Estadual Alfredo Lima	■ Vegetação de arbustos e grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

10-Praça Alair Dias

A Praça Alair Dias está inserida no bairro Isidoro, próximo a área central do município. Seu mobiliário urbano é composto por dois bancos em estrutura de concreto, e a iluminação é advinda dos postes das vias do entorno (FIGURA 21 a). Pequena parte da praça é cedida para entrada de veículos na garagem dos vizinhos, como observado na figura 21 (b). O entorno da praça é de predominância residencial e a pavimentação da praça é de forração com grama, e a das vias de paralelepípedo.

FIGURA 21 – Praça Alair Dias



Fonte: Acervo da autora, 2018.

Verificando todas as condições da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 1,5 sendo considerada regular.

Com estudos elaborados na praça, nota-se que as vegetações predominantes são árvores de pequeno a médio porte, arbustos e forração com grama.

A tipologia da praça é da categoria de circulação, pois a ausência de equipamentos e mobiliário não incentivam a permanência de pessoas.

A inserção da praça na malha urbana é conformada pela interceptação de três vias, sendo duas sem saída, porém sua forma é quase triangular (FIGURA 22).

FIGURA 22 – Implantação esquemática da Praça Alair Dias



Legenda:

--- Limite da Praça Alair Dias

Amarelo Via de conformação da praça

Laranja Via de conformação da praça sem saída

— Via de passagem do veículo para garagem

1 Edificações de uso residencial

Verde escuro Vegetação de árvores de pequeno e médio porte

Verde claro Vegetação de arbustos e grama

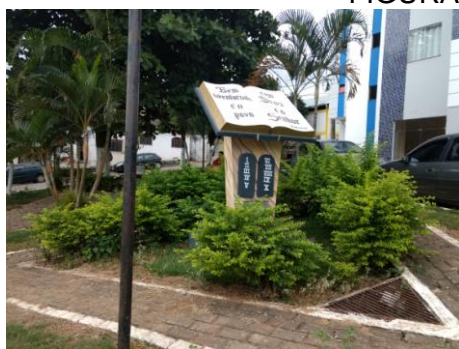
Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

11-Praça da Bíblia

Está localizada também no bairro Isidoro, próximo ao poliesportivo Amigos do Esporte e da Escola Municipal Narciso Rabelo.

O mobiliário urbano presente na praça são de dois bancos em estrutura de concreto, quatro postes com iluminação baixa e um com iluminação alta e possui um pequeno monumento de identificação da praça que é a Bíblia (FIGURA 23 a). O entorno da praça é de predominância residencial, a pavimentação da praça é de bloquete e das vias públicas é asfáltica (FIGURA 23 b).

FIGURA 23 – Praça da Bíblia



(a)



(b)

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Analisando todos os elementos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 1,5 sendo considerada regular.

Com base no levantamento elaborado na praça, as vegetações predominantes são árvores de pequeno e médio porte, arbustos e forração com grama.

Pode-se afirmar que a inserção da praça na malha urbana é conformada por três vias e na parte superior da praça se encontram as edificações de uso residencial (FIGURA 24).

FIGURA 24 – Implantação esquemática da Praça da Bíblia



Legenda:

- Limite da Praça da Bíblia
- Via de conformação da praça
- Via de fluxos próximo a praça
- 1 Poliesportivo Amigos do Esporte
- 2 Escola Municipal Narciso Rabelo

- 3 Edificações de uso residencial
- 4 Monumento da Bíblia
- Vegetação de árvores de pequeno e médio porte
- Vegetação de arbustos e grama

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia da praça é da categoria de descanso, pois os idosos utilizam da praça para momentos de descontração mantendo o diálogo; e de circulação, pois a ausência de mobiliário não incentiva a permanência das pessoas, além de ser situada em um espaço próximo a escola e poliesportivo, o que torna o espaço de passagem de pessoas, principalmente nos seus horários de funcionamento.

12-Praça Marcelo Irineu

A última praça estudada é a Praça Marcelo Irineu que está inserida no bairro Divinéia, sentido a cidade de Alto Jequitibá-MG e sua forma física se assemelha a de um canteiro, que é um elemento com vegetação para a marcação de via de mão dupla.

Possui no mobiliário urbano a presença de três bancos em estrutura de concreto, e um banco que faz parte do ponto de ônibus, por essa escassez de mobiliário, as pessoas utilizam também as bordas da praça como local de assento.

De acordo com a figura 25 (a) e (b) pode-se perceber que a ausência da infraestrutura da praça provoca sua baixa densidade populacional, na qual pode-se compreender que apenas os vizinhos ao redor da praça se utilizam dela.

FIGURA 25 – Praça Marcelo Irineu



(a)



(b)

Fonte: Acervo da autora, 2018.

Verificando todos os aspectos da praça, quanto a sua avaliação qualitativa, a nota obtida foi 1,5 sendo considerada regular.

Conforme as observações realizadas na praça, pode-se dizer que as vegetações predominantes são árvores de pequeno e médio porte, arbustos e forração com grama em sua totalidade.

A inserção da praça na malha urbana é conformada por duas vias paralelas, relembrando o canteiro central de uma via pública (FIGURA 26).

FIGURA 26 – Implantação esquemática da Praça Marcelo Irineu



- Legenda:
- | | |
|------------------------------------|---|
| --- Limite da Praça Marcelo Irineu | 2 Ponto de ônibus |
| ■ Via de formação da praça | Escada |
| ■ Via de fluxos próximo a praça | ■ Vegetação de árvores de pequeno e médio porte |
| 1 Edificações de uso residencial | ■ Vegetação de arbustos e grama |

Fonte: Google Earth, 2017 (informações da autora).

A tipologia da praça é da categoria de circulação, pois a ausência de equipamentos e mobiliário não incentivam a ida e permanência de pessoas na praça; e de descanso, pelos vizinhos que se localizam frente a ela.

3. CONCLUSÃO

A praça é um marco importante na história da cidade, pois foi a partir dela que a cidade surgiu e se desenvolveu, sendo assim é importante repensar nas potencialidades que o espaço urbano tem a oferecer e valorizá-lo, os tornando locais virtuosos na cidade. Uma cidade para ser saudável necessita de que as áreas públicas também ofereçam segurança e vitalidade, visto que essas áreas são inseparáveis do conceito da urbe. Observa-se que em cidades pequenas, as áreas públicas não são muito preocupantes para a administração política e por esse motivo é necessário de que a população participe e busque medidas para melhorar as praças e além de cooperar com a sua conservação, pois são espaços destinados ao lazer e descontração de todos. A qualidade desses espaços garante bom funcionamento da vida urbana, sendo possível que o cidadão possa conviver e vivenciar, ou pelo simples motivo de apenas permanecer na praça, seja para encontros, descanso ou contemplação.

A cidade de Manhumirim faz parte da microrregião de Manhauçu e possui doze espaços de lazer denominados como praça. Em seu estudo, estas apresentaram problemas comuns como: escassez de mobiliário urbano, ausência de equipamentos de recreação, postes e luminárias para assegurar a segurança das

peças, elementos de acessibilidade para portadores de necessidades especiais, arborização adequada, placas de sinalização, entre outros. Esses elementos são fundamentais para que o espaço seja eficaz e ajude no seu uso. Portanto esses equipamentos além de possuírem a estética é preciso de que sejam funcionais.

As notas obtidas pelo levantamento baseado na metodologia de De Angelis (2004), variam entre 0,5 (ruim) e 3,5 (bom) para todas as praças, devido à ausência de alguns elementos que compõem uma praça, ou pelo seu mau estado de conservação.

Para manter espaços públicos de lazer abertos como as praças é preciso que a população e o poder executivo na esfera municipal se conscientizem em relação à importância dessas áreas, não somente para o bem individual, mas para o bem coletivo, se tratando da cidade e dos valores ambientais, para que as praças não se tornem locais obsoletos, mas para que esses espaços possam servir de conexão entre culturas e hábitos distintos.

4. REFERÊNCIAS

ACIAMA. **História de Manhumirim**. Disponível em:

<<http://www.aciama.com.br/site/component/content/article/8-destaques/86-2015-06-11-14-03-02.html>>. Acesso em 08 mai. 2018.

ALOMÁ, Patrícia Rodríguez. **O espaço público, esse protagonista da cidade**.

Disponível em:<<https://www.archdaily.com.br/br/01-162164/o-espaco-publico-esse-protagonista-da-cidade>>. Acesso em 18 abr. 2018.

BARTALINI, Vladimir. Praça: a forma mais que difícil. **Arquitextos**, [S.L], n. 086.00, jul. 2010. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.086/227>>. Acesso em 12 abr. 2018.

BOTELHO, Dumerval Alves. **História de Manhumirim: município e paróquia**. 2. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2011.

BOVO, Marcos Clair; HAHN, Fábio André; RÉ, Tatiane Monteiro. A praça como objeto de estudo de uma pequena cidade. **Revista de História**, Dourados, v. 18, n. 31, p.111-222, jan./jun. 2016. Disponível em:

<<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/5478/2822>>. Acesso em 11 abr. 2018.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Agorafobia**. Disponível em:<

<https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/agorafobia/>>. Acesso em 18 abr. 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE MANHUMIRIM-MG. **O Município de Manhumirim**.

Disponível em: <<http://www.manhumirim.mg.leg.br/institucional/historia/historia-cidade/o-municipio-de-manhumirim>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

COSTA, Carlos Smaniotto. Áreas Verdes: um elemento chave para a sustentabilidade urbana. **Arquitextos**, [S.L], n. 126.08, nov. 2010. Disponível em:

<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.126/3672>>. Acesso em 19 abr. 2018.

DE ANGELIS, B. L. D.; CASTRO, R. M de; DE ANGELIS NETO, G. Metodologia para levantamento, cadastramento, diagnóstico e avaliação de praças no Brasil. **Engenharia Civil**, v. 4, n. 1, p. 57-70, 2004.

DE ANGELIS, B.L.D. **A praça no contexto das cidades - o caso de Maringá/PR**. 2000. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; NETO, Generoso De Angelis. Maringá e suas praças - tempo e história. **Boletim de geografia**, v. 19, n. 1, p. 129-148, 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/bolgeogr/article/view/12862/7283>>. Acesso em 12 abr. 2018.

GEHL, Jan. **Cidades Para Pessoas**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MACEDO, Sílvio Soares; ROBBA, Fábio. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

MARX, Murillo. **Cidade Brasileira**. São Paulo, Melhoramentos/Edusp, 1980.

MOTTA, F.L. **Desenho e emancipação**. São Paulo: FAUUSP, 1970.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PLATAFORMA LATTES. **Bruno Luiz Domingos De Angelis**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/4543735379759706>>. Acesso em 18 abr. 2018.

ANEXO 1– Ficha 1, Ficha 2 e Figuras de 1 a 5 da Metodologia de De Angelis (2004)

Ficha 1 - LEVANTAMENTO QUANTITATIVO DOS EQUIPAMENTOS E ESTRUTURAS EXISTENTES

NOME DA PRAÇA: _____

LOCALIZAÇÃO: _____

FORMA GEOMÉTRICA:

QUADRANGULAR CIRCULAR RETANGULAR OUTRA: _____

ÁREA: _____ m²

DATA DA AVALIAÇÃO: _____

EQUIPAMENTOS/ESTRUTURAS	SIM	NAO	QUANTIDADE
1. Bancos - material:			
2. Iluminação: - alta() - baixa()			
3. Lixeiras			
4. Sanitários			
5. Telefone público			
6. Bebedouros			
7. Caminhos – material:			
8. Palco/coreto			
9. Obra de arte – qual:			
10. Espelho d'água/chafariz			
11 Estacionamento			
12. Ponto de ônibus			
13. Ponto de táxi			
14. Quadra esportiva			
15. Para prática de exercícios físicos			
16. Para terceira idade			
17. Parque infantil			
18. Banca de revista			
19. Quiosque de alimentação e/ou similar			
20. Identificação			
21. Edificação institucional			
22. Templo religioso			

Ficha 2 - AVALIAÇÃO QUALITATIVA

ESTRUTURAS AVALIADAS	NOTA	AUSÊNCIA
01. Bancos		
02. Iluminação alta		
03. Iluminação baixa		
04. Lixeiras		
05. Sanitários		
06. Telefone público		
07. Bebedouros		
08. Piso		
09. Traçado dos caminhos		
10. Palco/coreto		
11. Monumento		
12. Espelho d'água/chafariz		
13. Estacionamento		
14. Ponto de ônibus		
15. Ponto de táxi		
16. Quadra esportiva		
17. Equipamentos para exercícios físicos		
18. Estrutura para terceira idade		

19. Parque infantil		
20. Banca de revista		
21. Quiosque para alimentação e/ou similar		
22. Vegetação		
23. Paisagismo		
24. Localização		
25. Conservação/limpeza		
26. Segurança		
27. Conforto ambiental		

Inserção da praça na trama urbana

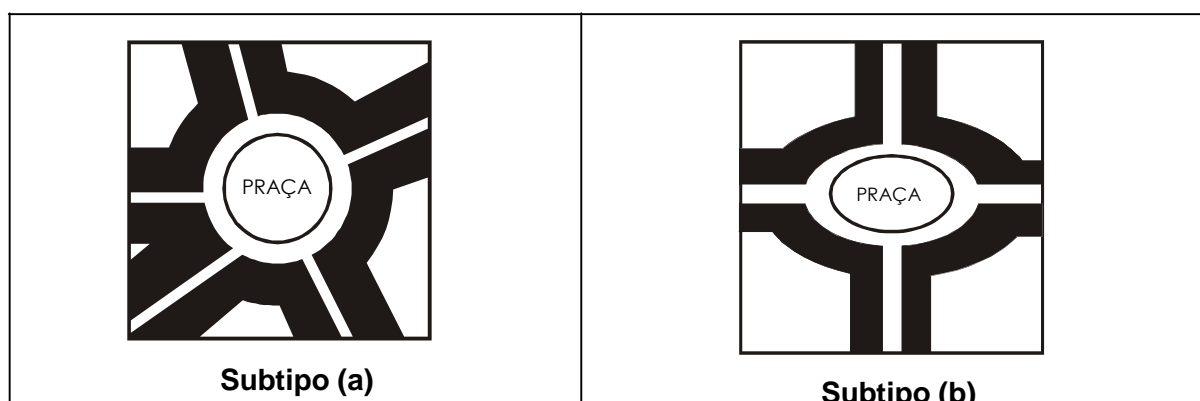


Figura 1 – Esquema de praças conformadas por uma via

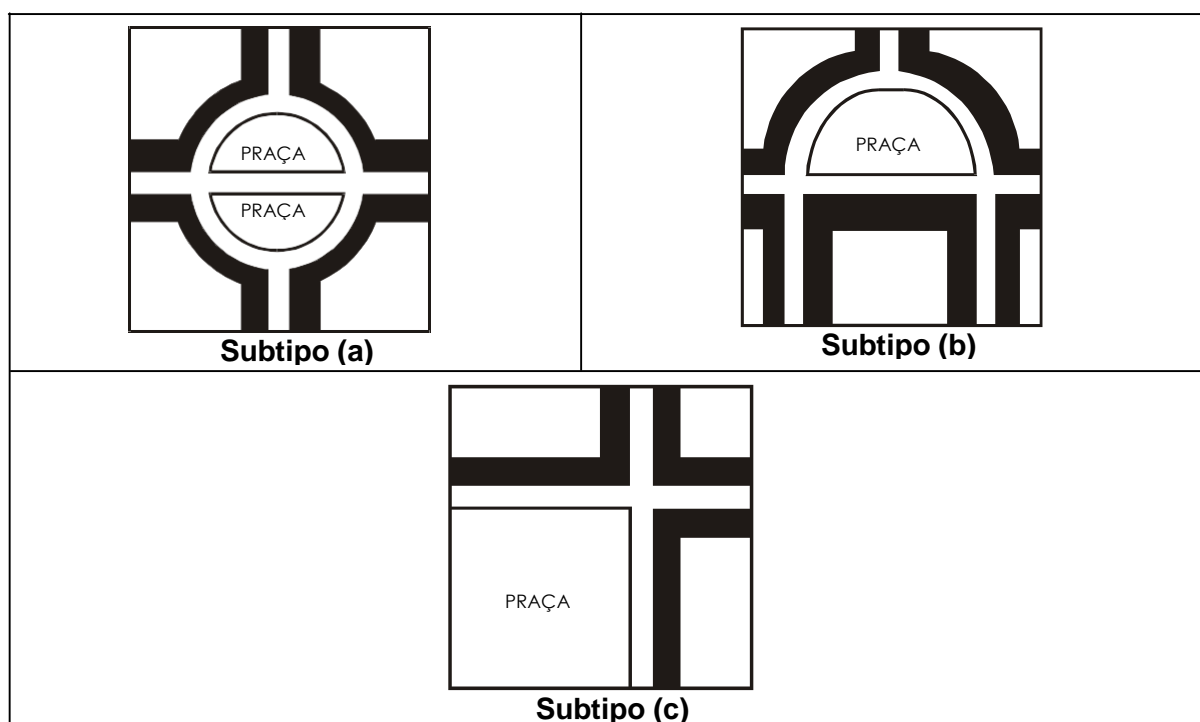


Figura 2 – Esquema de praças conformadas por 2 vias

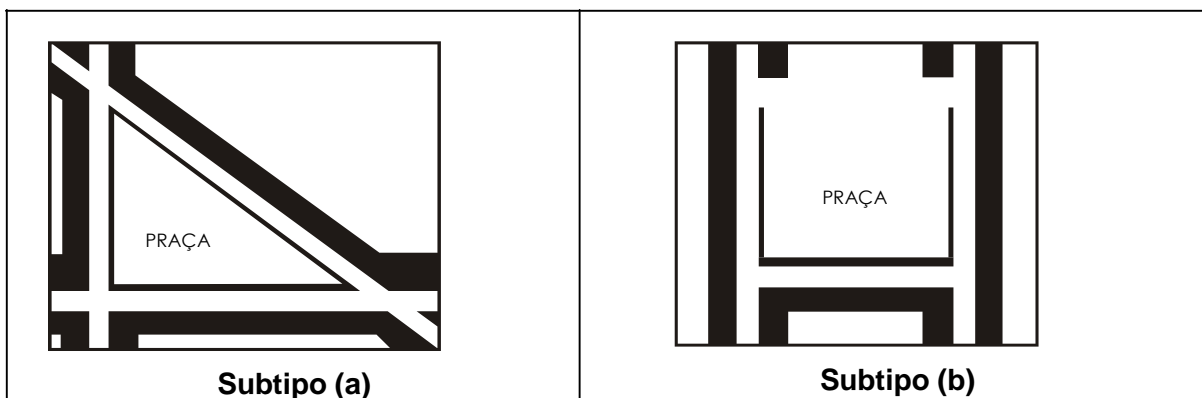


Figura 3 – Esquema de praças conformadas por 3 vias



Figura 4 – Esquema de praças conformadas por vias

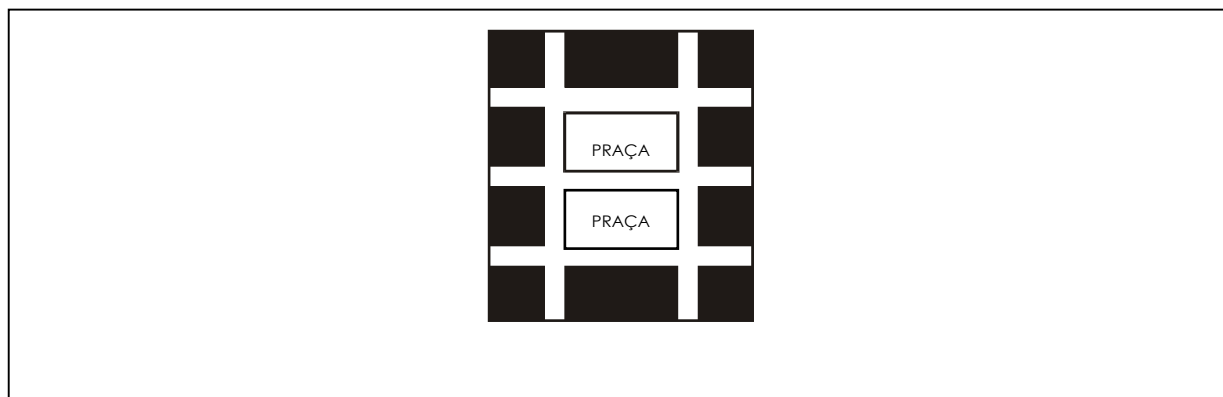


Figura 5 – Esquema de praças conformadas por 5 vias